



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9426 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

MÚSICA, ESPIRITUALIDADES E SIMBIOSES: PLAGICOMBINAÇÕES E IMPROVISATIVIDADES PARA A COMPOSIÇÃO DE PARTITURAS CURRICULARES EM COTIDIANOS ESCOLARES

Augusto Flavio da Silva Roque - UFBA - Universidade Federal da Bahia
Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESB

MÚSICA, ESPIRITUALIDADES E SIMBIOSES:

**PLAGICOMBINAÇÕES E IMPROVISATIVIDADES PARA A COMPOSIÇÃO
DE PARTITURAS CURRICULARES EM COTIDIANOS ESCOLARES**

RESUMO: O presente trabalho reputa aos resultados finais de uma pesquisa de mestrado profissional em educação, que se propôs a investigar possibilidades performativas que a música em um cotidiano escolar poderia implicar ao campo do currículo, na medida em que se distancia de uma noção disciplinar. A aproximação com os argumentos pós-qualitativos, permitiu um deslocamento de modelos metodológicos para uma performance improvisativa, articulada pela experiência pelo acontecimento, registradas por uma transcodificação dos conceitos cartográficos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, para termos mais propriamente musicais, no que passa a ser compreendido por partiturografia, onde foram anotadas as mixagens, conexões e plagicombinações em agência/mentos curriculantes com o *hit* funk “Bum Bum Tam Tam”, do produtor MC Fioti.

Palavras-chave: Música; Currículo; Cotidiano escolar; Improvisatividade; Partiturografia

1. PERFURAÇÕES: ONDE SE INTRODUZ

As linhas que se seguem, são uma compilação das pautas que compuseram um trabalho dissertativo no plano de uma pesquisa curricular sobre o funcionamento performativo da música em um cotidiano escolar, de um colégio público de oitavo e nono ano do ensino fundamental, e ensino médio no município de Conceição do Coité-BA (2018-2020), constructo concebido no âmbito do programa de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade que tem lugar na UNEB – Campus XIV, e acompanhado pelo grupo de pesquisa Formação, Experiência e Linguagens – FEL.

O texto que se espalha pelas próximas páginas assume deliberadamente uma atitude

sinóptica para esboçar uma cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 2011a), as sobreposições entre as partituras ontológica, epistêmica e metodológica, tomaram por premissa os territórios das minhas experiências de infância com a música e a tecnologia, para suscitar com essas implicações a seguinte indagação no campo educacional: acontecimentos ou perfurações musicais em um cotidiano escolar poderiam devir em formas de simbioses curriculantes? O insight performativo que criou um plano de encaixes e montagens para a investigação, foi acessado a partir da leitura da tese de Thiago Ranniery (2016), que convenientemente traduzida, sugeriu o deslizamento para a suposição de um currículo-partitura, que distinto de um currículo de música, é uma composição nas dobras de discursividades situadas em um procedimentos e práticas tipicamente musicais.

Buscou-se evitar os lugares comuns das pesquisas entre música, currículo e cartografia: a) de investigações com uma lógica disciplinar tanto na educação básica como nas graduações, a música enquanto técnica ou aliada a processos recreativos; b) de trabalhos que utilizam a cartografia para interpretação de dados produzidos em fundações qualitativas; c) de pesquisas que utilizam a música como instrumento didático.

2. UMA PERFORMANCE DE PESQUISA IMPROVISATIVA: OU, ENUNCIÇÃO EM DESLOCAMENTO DO TERRITÓRIO O QUE OUTRORA SE HABITUOU RECLAMAR POR METODOLOGIA

A pesquisa improvisativa é uma performance do acontecimento e da experiência, em alternativa à pesquisa-intervenção como modelo prevalente no âmbito dos mestrados profissionais em educação, parte de uma compreensão que no plano cartográfico, o agenciamento é dado como uma individuação sem sujeito (DELEUZE; GUATTARI, 2011a), inspiração que dispõe Elizabeth St. Pierre (2018) a anuir com a implosão da compleição qualitativa de campo, habitado por vozes humanas, sejam iluminadas, conscientes ou alienadas.

Com a cisão do sujeito, o agência/mento com a barra que cria um entre-dois, emerge de um procedimento de plagicombinação inspirado na estética de Tom Zé (1998), que permitiu justapor a noção de agência usual no discurso de Homi Bhabha (2013), como produtora de negociações políticas entre hegemonias e subalternidades na busca por enunciação de poder, a aproximando por *mashup* (mescla), ao conceito de agenciamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011a; 2011b), que expressa a enunciação como um arranjo singular de autoralidade de expressão coletiva com imputes do desejo, que acessa o mundo em manifestações políticas, não é precisamente uma ontologia, mas pode devir. Ambivalentes, os agência/mentos passam virtualmente-ontológicos, dado que em cotidianos escolares são procurados como indícios da existência de um corpo ou um ser, rastros de onticidade (DERRIDA, 1973).

Nessa perspectiva, há contiguamente uma reconfiguração no que se produz enquanto experiência, um corte ou captura do acontecimento no plano imanente (DELEUZE; GUATTARI, 2010), ou seja, experiência que não existe aprioristicamente para a pesquisa, mas que fabulada enreda aspectos estilísticos, e que sejam improvisativos, resta consignar que “a improvisação é um ato [...] dirigido a um certo ambiente territorializável no próprio ato, [e certamente] pressupõe vários atos de vontade que visam dar consistência a vários elementos e componentes” (COSTA, 2018, p. 17), onde se confundem particularidades biográficas. São lances aleatórios somente até os limites do seu território, demarcado por princípios do jogo curriculante, visto que se trata de improvisar uma pesquisa “na intersecção entre diferentes discursos sociais e culturais que, ao mesmo tempo, reitera sentidos postos por tais discursos e os recria, [...] recriação [por que] envolta em relações de poder, na intersecção em que ela se

torna possível, nem tudo pode ser dito (LOPES; MACEDO, 2011).

2.1 Derivas, grupo de experiência e partiturografia

As derivas é de onde se parte, e se caracterizaram por movimentos deambulatórios de afetação em meio a encontros, “se não há encontro, não há interação, e se há encontro, sempre há um desencadear, uma mudança estrutural no sistema” (MATURANA, 2001, p. 75). Foram criadas a efeito, duas distinções: 1) *deriva gizmo*, ou deriva por *gadgets*, termos de significados homônimos, para um movimento com auxílio de aparato tecnológico de contaminação discursiva, instabilidade, heterogeneidade, fluidez, hipertextualidade e interatividade em fluxos digitais; e 2) *devira stalker*, que surge como um ato de vigilância sobre a vida alheia, aqui em sentido ordinário e pueril, como movimento pela ambiência digital como sobreposições virtuais aos cotidianos escolares.

Para regular o uso despojado de informações produzidas no intercurso das derivas, incidiram sobre estas as premissas da ética hacker, que velam pela estrita observância à privacidade (HIMANEN, 2010), é por assim dizer uma ética do anonimato, mas desde que resguarda, se permite sob sua regência a “liberdade para criar, liberdade para apropriar todo o conhecimento disponível e liberdade para redistribuir esse conhecimento sob qualquer forma e por qualquer canal escolhido pelo hacker” (CASTELLS, 2003, p. 42).

O Grupo de Experiência (GE) (JESUS; OLIVEIRA, 2018), por sua vez, é uma interface para capturas contingentes de paisagens em cotidianos escolares. O GE em uma dinâmica improvisativa, é o dispositivo que possibilita um recorte, uma delimitação ainda que panorâmica de experiências coletivas que acontecem plano imanente. E a partiturografia enfim, é uma tradução do que se tem convencionado por cartografia, é menos um método ou um sistema conceitual interpretativo, e mais uma performance de pensamento e escrita, já que “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 19), e se pode certamente assumir na plasticidade de uma partitura, porquanto “a forma musical, até em suas rupturas e proliferações, é comparável [a um] rizoma” (Idem, p. 29).

3. BUM BUM TAM TAM: MIXAGENS TEORIZANTES COM UM HIT FUNK

Foi a partir da experiência de interação com o *hit* funk “Bum Bum Tam Tam”, do MC Fioti (2017), reverberado de um paredão sonoro automóvel nas adjacências dos muros escolares, atrevidos para desatar sensações em estudantes nas imediações da cantina durante o intervalo para o lanche, que foram aneladas as mixagens teorizantes da pesquisa, onde operações comuns às práticas disk jockey (DJ) de performance e produção de música eletrônica foram avalizadas enquanto procedimentos de plagicombinação (ZÉ, 1998; 1999), assim caracterizados para compor um estilo de discotecagem discursiva por negociações e alianças com ímpeto de excentramento do centro para a periferia.

Com a experiência “Bum Bum Tam Tam”, foi possível especular no âmbito de uma cosmologia Nagô, um currículo-refrão sob a regência do axé e da alacridade (SODRÉ, 2017). Emergiu também entremeada às variáveis de espaço-tempo, aspectos de economicidade que deslizaram curriculantes a noções de *fluxonomia* (DEHEINZELIN, 2020). A projetividade sonora do paredão foi percebida tanto como uma máquina de guerra (DELEUZE; GUATTARI, 2012c), quanto orientada a aspectos de salubridade curricular, quando a música devém colônia viral (LIMA, 2018).

Os testemunhos de espiritualidade de MC Fioti (2018) permitiram uma elucubração

curriculante mística, na inspiração bergsoniana uma moral aberta pré-racionalista de apelo ao bem comum (GALEFFI, 2013), de onde se depreendeu a espiritualidade como aspecto de uma multiplicidade atravessada por ancestralidades (SODRÉ, 2017), pretexto também para pensar a laicidade nos currículos pautada pela abstração das noções de cidadania e do se diz público quando redundam em mesmidade (MACEDO RANNIERY, 2018).

A *formafluxo* é um dissenso à clássica relação mecânica binomial de forma-conteúdo, reconceptualizada em uma modelagem hidráulica e nomádica, uma micropolítica das formas (DELEUZE; GUATTARI, 2012a; 2012c), cujos comportamentos simbióticos devem ritornelos pela mobilidade de territórios (DELEUZE; GUATTARI, 2012b). Pode-se pensar o *hit* “Bum Bum Tam Tam” em uma relação parasitária, como seu refrão pegajoso “verme de ouvido” (LIMA, 2018); ou deslocado para uma interação de comensalismo, quando diagnosticada sua economicidade viral de mercado; mas pode emergir ainda na desterritorialização do mutualismo, amplificando-se os aspectos pessoais da potência periférica que produziu um sucesso internacional. O aprendizado que remanesce aqui para o campo curricular, é o da sensibilidade em acompanhar tais movimentos.

4. ARREMATES E ARREMEDOS

Os agência/mentos com o funk de MC Fioti em um cotidiano escolar, em dobra performativa de uma escrita estilisticamente musical [sob]reposta a autoridades do campo artístico, perfuraram as aberturas que propiciaram as emergências político-conceituais por simbioses musicais, um programa de espiritualidade ecológica. Compreensão que encontrou terreno favorável a partir de uma recomposição ontológica, epistêmica e metodológica: no esvaziamento do sujeito e do Eu; no acolhimento agência/mentos periféricos; e no deslocamento do método para a performance. A configuração performática afetou os encontros, a caracterização da experiência e dispositivos de captura conexos, e o mapeamento narrativo, transcodificado como partiturografia, onde conexões, intersecções, mixagens e plagicombinações na escrita, deram forma à composição final de pesquisa.

5. PARTITURAS DE AGENCIAMENTOS

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COSTA, R. L. M. A improvisação livre não é lugar de práticas interpretativas. **Debates**, n. 20, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2018, p. 177-187.

DEHEINZELIN, L. **Novas economias viabilizando futuros desejáveis**: introdução à fluxonomia 4D. São Paulo: Clube dos Autores, 2020.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** Vol. 1. Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1ª Ed. 2ª Reimpressão. Coleção TRANS, 94 p, 2011a.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** Vol. 2. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2ª Ed. 2ª Reimpressão. Coleção TRANS, 128 p, 2011b.

- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** Vol. 3. Trad. de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2ª Ed. 2ª Reimpressão. Coleção TRANS, 128 p, 2012a.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** Vol. 4. Trad. de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2ª Ed. 2ª Reimpressão. Coleção TRANS, 144 p, 2012b.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** Vol. 5. Trad. de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2ª Ed. 1ª Reimpressão. Coleção TRANS, 264 p, 2012c.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 3ª Ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. Trad. Mirian Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FIOTI, MC. Como 'Bum bum tam tam', de MC Fioti, se tornou o 1º clipe brasileiro a alcançar 1 bilhão de views no YouTube. **G1 Pop & Arte: Música**, 2018. Acesso: 01/07/2020 Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2018/09/15/como-bum-bum-tam-tam-de-mc-fioti-se-tornou-o-1o-clipe-brasileiro-a-alcancar-1-bilhao-de-views-no-youtube.ghhtml>
- GALEFFI, D. A. Religião e ciência: diferença e repetição - uma investigação a partir da concepção moral e religiosa de Henri Bergson. **Caderno CRH**, V. 26, Nº 69, p. 449-467, Set./Dez. Salvador: 2013.
- HIMANEN, P. **La ética hacker y el espíritu de la era de la información**. 2001. Disponível em: Acesso em: 24 jun. 2019
- JESUS, R.; OLIVEIRA, I. Grupo de experiência e arte. In: MACEDO, E.; TOMÉ, C. (Org.). **Currículo e diferença**. 1ª ed. v. 4, p. 171-188. Curitiba: CRV, 2018.
- LIMA, H. R. S. **Desenho da escuta: políticas da auralidade na era do áudio ubíquo**. 2018, 140 p. Tese (Doutorado em Música) Universidade de São Paulo (SP), 2018.
- LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias do currículo**. São Paulo, Cortez, 2011.
- MACEDO, E. RANNIERY, T. Políticas públicas de currículo: diferença e a ideia de público. **Currículo sem Fronteira**. v. 18, n. 03, Rio de Janeiro: UERJ, 2018.
- MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Trad. Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- RANNIERY, T. **Corpos feitos de plástico, pó e glitter: currículos para dicções heterogêneas e visibilidades improváveis**. 2016, 411 p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 2016.
- SODRÉ, M. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- ST. PIERRE, E. A. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa: v. 13, n. 3, p. 1044-1064, 2018.
- ZÉ, T. **Com defeito de fabricação**. Encarte de CD. Nova Iorque: Luaka Bop, 1998.

ZÉ, T. O gênio de Irará. Encarte. **Caros Amigos**. Nº 31, out. São Paulo: Casa Amarela, 1999.